

DEFLAÇÃO DE JUNHO DE 2017: Análise da reportagem do Jornal Nacional da Rede Globo

Cláudio Morais SILVA Júnior¹
Vithória Cristina BORGES Barreto²
Paulo Vitor Giraldi PIRES³
Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

RESUMO

Analisaremos neste artigo a notícia da “primeira deflação em 11 anos” divulgada em julho de 2017 pelo Jornal Nacional (Rede Globo), referente ao IPCA de junho do mesmo ano, que enfatiza a aparente valorização monetária causada pela inflação em queda, dando pouco espaço para os demais fatores igualmente relevantes ou de maior complexidade deste caso, como os altos índices de desemprego e as constantes retrações advindas de uma das maiores recessões vividas pela economia brasileira nas últimas décadas. Ao considerarmos o atual cenário econômico brasileiro e suas singularidades, este estudo justifica-se na análise da autenticidade deste fenômeno e como a notícia foi construída, sob a luz da teoria do agendamento. Espera-se com o debate aqui proposto apurar o senso crítico do cidadão para os assuntos relacionados à economia nacional.

PALAVRAS-CHAVE: inflação; deflação; economia brasileira; crise; mídia; *agenda setting*.

INTRODUÇÃO

A inflação corresponde ao aumento dos preços de forma contínua, generalizada e reflete os vários aspectos econômicos e sociais que culminam no aumento deste, como o desemprego e a alta procura e baixa oferta no mercado. Além disto, a inflação também provoca, por si, severas distorções na economia. O IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) é o principal indicador da inflação no país. Aferido pelo Instituto

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: maria.santo@gmail.com

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: maria.santo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

Brasileiro de Geografia e Estatística, compara os preços para famílias com renda de 1 a 40 salários mínimos, do primeiro ao último dia do mês de referência, nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Salvador, Fortaleza, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Distrito Federal e Goiânia. É amplamente utilizado nas correções de balanços orçamentários e em demonstrações financeiras trimestrais e semestrais.

Deflação, por sua vez, é o processo contrário à inflação, sendo como esta um fenômeno também monetário. Quando há mais produtos disponíveis do que consumidores, os custos de produção tornam-se mais baixos ou eficientes, sendo possível produzir mais com a mesma quantidade de recursos, ou quando a demanda está baixa pelos mais variados fatores, como o desemprego, surge o cenário propício à ocorrência de episódios deflacionários, que não devem ser tratados como unicamente bons ou ruins em um cenário econômico. Enquanto a ocorrência esporádica pode resultar na retomada do poder de compra, pode muitas vezes indicar um processo de paralisação e colapso de toda a economia de um território.

O produto midiático a ser analisado é a matéria exibida pelo Jornal Nacional no dia 07/07/2017, e diz respeito ao fenômeno que foi chamado de “primeira deflação em 11 anos”. Em seus quase três minutos, a reportagem se passa em uma feira, associando o episódio econômico a melhores preços e a uma melhoria econômica relativa, e ainda que um economista e um professor de economia tenham sido entrevistados, quase nada se falou sobre as causas do atual cenário econômico, enfatizando apenas a safra recorde daquele ano. Muitas dúvidas e ruídos surgiram após esta edição do telejornal, especialmente por grande parte da população não sentir em seu dia-a-dia o que foi ali mostrado.

É necessário ressaltar a importância do jornalismo econômico tendo em vista o direito do cidadão à informação, portanto, quaisquer que tenham sido as razões para a negligência cometida na transmissão da notícia, vários questionamentos foram levantados, especialmente ao considerarmos o poder da mídia em influenciar os assuntos que estarão em voga ou mesmo a percepção geral sobre os mesmos, como quais seriam, de fato, os fatores que levaram à desinflação de 2017 e ao episódio deflacionário do mês de junho, e sob a hipótese do agendamento, quem são os sujeitos interessados neste processo.

Serão explanados conceitos básicos sobre inflação e deflação, expostos dados acerca do desempenho econômico brasileiro durante o ano de 2017 e informações sobre a cena socioeconômica atual, compreendendo desemprego, recessão e aumento da pobreza, no decorrer deste artigo.

Altas taxas inflacionárias ou mesmo oscilações constantes atrapalham os agentes econômicos de realizarem previsões e dificultam toda a cadeia produtiva do território. Um dos efeitos mais sensíveis dos processos inflacionários se dá sobre a classe assalariada, que possui rendimentos fixos e que vê seu poder de compra deteriorar-se em função da moeda enfraquecida em relação ao custo do produto e, por não ter acesso a investimentos indexados à inflação, não vê estes rendimentos acompanharem as progressões do mercado.

Inflação

Inflação pode ser conceituada como o avanço contínuo, progressivo e generalizado sobre os preços de bens, serviços e produtos, sendo assim, a inflação representa um encarecimento em tudo o que é produzido pela economia de um dado território e não apenas um ou outro item. Além disso, a inflação é um fenômeno monetário: devido ao aumento do custo de produção, da alta demanda sobre produtos ou quaisquer outros fatores que levem a um cenário inflacionário, é exigida correção contínua e prolongada sobre o valor dos produtos e não apenas esporadicamente ou em número limitado. Ainda sobre o caráter monetário da inflação, a elevação dos preços resulta na desvalorização da moeda em função da redução do quanto de um determinado produto é possível adquirir com determinado valor, ou seja, a inflação resulta diretamente na corrosão do valor real da moeda.

Se a oferta de caviar fosse tão abundante quanto a de batatas, o preço do 1caviar – isto é, a relação de troca entre caviar e dinheiro, ou entre caviar e outras mercadorias – se alteraria consideravelmente. Nesse caso, seria possível adquiri-lo a um preço muito menor que o exigido hoje. Da mesma maneira, se a quantidade de dinheiro aumenta, o poder de compra da unidade monetária diminui, e a quantidade de bens que pode ser adquirida com uma unidade desse dinheiro também se reduz (MISES, 2009, pág. 61).

Ludwig von Mises argumenta que, se a quantidade de moeda em circulação aumenta, seu valor em relação aos produtos diminui diretamente, o que é em si um fator agravante sobre a inflação, onde economias emergentes, principalmente, utilizam do

estímulo sobre a demanda e facilitação de acesso ao crédito para estimular a produção econômica, conseqüentemente, aumentando a quantidade de dinheiro em circulação, o que resulta logo a curto prazo no aumento das taxas inflacionárias. Mas expansão monetária não é o maior estímulo ao avanço da inflação, pois em cenários de inflação alta e persistente, o mero controle dos estoques de dinheiro não é suficiente para resolver efetivamente o problema. É possível afirmar, a priori, que a inflação resulta da má administração do agente econômico público - o governo - que provoca um aumento dos estoques de moeda em taxas acima do crescimento do produto, assim sendo, a redução da atividade - e conseqüente intervenção - estatal provocaria a resolução do problema inflacionário. A disputa dos demais e variados atores pela distribuição da riqueza pode ser também considerada um fator estimulante para a inflação, um forte exemplo disso é a diferença entre salário e preços de produtos, que tornam instáveis ou pouco confiáveis as relações entre os assalariados e empregadores.

Outra face importante das causas dos processos inflacionários decorre das relações internacionais de comércio. Países mais abertos ao comércio exterior enfrentam as oscilações do mercado internacional e das ondulações sobre moedas mais fortes, isto afeta diretamente a distribuição entre a oferta dos bens, serviços, produtos e matérias, e a demanda sobre eles. De certo um tópico complexo e multifacetado como a inflação não deve, jamais, ser abordado de maneira simplista ou retilínea.

Deflação

Deflação é a retração contínua e generalizada dos preços de bens, serviços e produtos, ou ainda, representa uma valorização monetária sobre tudo o que é produzido por um período prolongado. É processo inverso à inflação, sendo como esta um fenômeno monetário. Em decorrência da elevação da oferta em função da demanda, do barateamento dos custos de produção, da baixa demanda seja por padrões culturais da população, seja por fatores como o desemprego, a deflação não deve ser também abordada de maneira simplista e muito menos tida como unicamente boa ou ruim em um cenário econômico. Enquanto a ocorrência esporádica pode resultar na retomada do poder de compra, também pode indicar um processo de paralisação e colapso de toda a economia de um território.

Lembrando que a economia é a ciência que estuda a produção, distribuição e de bens e serviços, logo, o comportamento e as preferências humanas são de extrema

importância para esta disciplina. Acerca da deflação, a retração de preços em um período de recessão está intimamente ligada à expectativa da população por uma retração ainda maior, para adquirirem os produtos pelo menor preço possível.

Em um momento econômico onde as pessoas são desestimuladas a consumir, muitas vezes pelo desemprego e recessão ou mesmo quando a produção excede em demasia a demanda sobre o produto, os preços sobre os bens são diminuídos a fim de estimular o consumo e manter a produção. Com o poder aquisitivo comprometido ou sob expectativa de uma retração maior dos preços, os consumidores mantêm-se austeros levando assim a novas quedas nos preços dos produtos, até o ponto em que o custo de produção torna-se maior que o preço de venda, ocasionando assim maiores e sucessivas desacelerações, provocando mais desemprego, falências, até que chegue ao ponto de um verdadeiro colapso na economia. E é por isto que em países com configuração semelhante ao EUA e Japão, a deflação pode ser até pior que uma hiperinflação.

A deflação é especialmente nociva para quem adquiriu bens com pagamento a longo prazo. Quem financiou carros ou imóveis por 20 anos, por exemplo, com a queda vertiginosa de preços acaba-se pagando mais do que o bem passou a valer.

Vale ressaltar a importância de não confundir deflação com desinflação. A desinflação é a desaceleração das correções inflacionárias, isto é, se as taxas caem de um dado valor para outro ainda positivo, o que houve foi uma diminuição da inflação. Ainda, para que seja considerado processo deflacionário, a retração deve ser generalizada, progressiva e se manter por pelo menos um ano. Fora disto, são apenas anomalias.

Economia Brasileira

A economia brasileira é oitava maior do mundo, classificada pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) em seu relatório divulgado em 2017, e a primeira maior economia da América Latina ao lado da Argentina. O Brasil é caracterizado por ser um país emergente, ou seja, tem sua economia em crescente desenvolvimento, fazendo inclusive parte do grupo "BRICS" que é a associação dos países em mesmo estado econômico de crescimento, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, e que desempenham importante papel na economia internacional, influenciando demais países emergentes e de economia menos robusta. O Brasil também compõe várias

organizações econômicas, como o importante Mercosul (Mercado Comum do Sul) e a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL).

Apesar do crescimento e da relevância econômica do Brasil, este crescimento é pouco visto ou sentido pela população brasileira. A crise nacional na esfera política é um dos fortes impactos para a crise econômica do país, que afeta os setores produtivos e aumenta a taxa de desemprego nacional e aprofunda, além das políticas estatais que pouco favorecem a flexibilidade da economia no país.

A mídia tem um papel importante na propagação da notícia, a mensagem deve ser passada de forma ao máximo clara e sem ruídos ou omissões, e quando se trata de uma matéria veiculada pelo telejornal de maior audiência do país, que é o objeto de estudo deste artigo, a reportagem do Jornal Nacional da Rede Globo omite importantes informações acerca do cenário econômico nacional e ajuda a aprofundar mais outra crise: a crise de confiança na imprensa especializada por boa parte da população.

Jornal Nacional

O Jornal Nacional (JN) é o principal telejornal do Grupo Globo, atualmente apresentado por Willian Bonner e Renata Vasconcelos, foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede no Brasil, estreando em 1º de Setembro de 1969. É compacto, apresenta de segunda-feira a sábado o resumo dos principais acontecimentos nacionais e internacionais em cerca de 45 minutos de duração, e é o telejornal de maior audiência do país, apresentando pouco mais que o dobro da audiência do segundo colocado no horário nobre, apesar das duras críticas e tentativas de boicote organizadas contra a emissora, especialmente nos últimos anos, sob a acusação de ser parcial, “golpista”, manipuladora e ter interesses financeiros somados a proximidade com grupos políticos.

1. A abordagem do JN sobre a “deflação” de 2017

A matéria foi ao ar no dia 07/07/2017, retratando o fenômeno como o primeiro em 11 anos e causado pela safra recorde, ignorando as demais causas que foram também determinantes para este processo. Passa-se inteiramente em uma feira,

ênfatizando o quão baratos os preços ficaram, associando o fenômeno a uma espécie de “xepa”.

As expressões “barato”, “queda de preços”, “vantagem” e seus sinônimos aparecem pouco mais de 10 vezes em uma reportagem curta, de 02:49 minutos. Somente em dois momentos, durante as falas do professor de economia da USP Heron do Carmo e do economista Eduardo Gianetti da Fonseca, falou-se da recessão e do desemprego como fatores que contribuem para a desinflação, ainda que brevemente.

A inflação em 2017 avançou, em média, cerca de 0,22% ao mês, recuando 0,23% somente em junho, voltando a avançar nos meses seguintes e fechando o ano com uma taxa acumulada de 2,95%, a menor desde 1998, quando atingiu 1,65%. Fica nítido então que apesar da leve retração em junho, 2017 permanece registrando somente desinflação pois, como dito anteriormente, para que seja considerada deflação, a retração deve ser contínua e no mês em questão ocorreu somente uma flutuação atípica.

Foram múltiplos os fatores que resultaram na desaceleração inflacionária em 2017, o principal citado foi a safra recorde deste ano. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de junho, divulgado pelo IBGE, apontava para uma safra 240,3 milhões de toneladas em 2017, aumento de 30,1 em relação a 2016 e, pela razão simples entre oferta e demanda, é possível afirmar que a maior produção foi um fator importante para queda da inflação, com o preço dos alimentos mais baixo.

Sobretudo, é de extrema importância considerar que apesar da alta oferta, o número de pessoas desempregadas - que somavam 13% no segundo trimestre de 2017 - e em situação de pobreza e extrema pobreza também cresceu vertiginosamente, havendo inclusive a possibilidade de o Brasil voltar para o mapa da fome da FAO (Food and Agriculture Organization of United Nations). Atualmente, são 13,3 milhões de brasileiros vivendo na extrema pobreza, ou seja, menos R\$ 133,72 reais por mês. A desinflação neste cenário indicaria, também, uma tendência dos empresários a baixar os preços por não conseguirem vender suas mercadorias a uma população em nível crescente de empobrecimento.

Durante a reportagem, nenhum destes fatores foram citados. Apenas durante a fala do professor de economia da USP, Heron do Carmo, o desemprego foi citado, e ênfaticamente apenas como o desemprego “reduz o tamanho do mercado e

consequentemente leva a uma pressão para redução do ritmo de aumento dos preços”, sem citar diretamente o empobrecimento da população brasileira.

2. Teoria do Agendamento

A Teoria do Agendamento (*Agenda Setting*), formulada por Mc Combs e Shaw (1972), trata da mídia como um mecanismo capaz de influenciar e, em certos casos, determinar quais temas estarão em voga para o público discutir. “As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas”. (Shaw, E. *apud* Wolf, 2001, p.144).

A reportagem do Jornal Nacional enfatiza uma melhora na economia por conta de uma suposta deflação, mas omite os reais motivos que normalmente provocam deflação e, na realidade brasileira, desinflação, que de fato são maiores do que o acontecimento que caracterizou um mês. Assim, o telespectador que não tem o conhecimento amplo da negatividade que estes fenômenos representam, é levado a acreditar na ideia de que a economia está crescendo com positividade, ainda que este não sinta esta melhora em seu dia-a-dia. “Nas sociedades industriais de capitalismo desenvolvido, em virtude da diferenciação e da complexidade sociais e, também, em virtude do papel central dos *mass media*, foi aumentando a existência de fatias e de «pacotes» de realidade que os indivíduos não vivem directamente nem definem interactivamente a nível da vida quotidiana, mas que «vivem», exclusivamente, em função de ou através da mediação simbólica dos meios de comunicação de massa.” (Grossi, 1983, 225) *apud* WOLF, 2002. Desta forma, é fácil compreender que o Jornal Nacional expõe nesta notícia a “fatia” da realidade social que o brasileiro não viveu naquele mês de julho em que houve este pequeno pico de deflação na economia.

“Por conseguinte, a análise da agenda do meio televisivo leva, por um lado, a constatar-se a sua inadequação para determinar, no público, um conjunto de conhecimentos precisos (perfil alto da agenda) mas, por outro, realça a imagem política global que esse meio de comunicação fornece: trata-se, porém, sempre, de um efeito de agenda-setting, centrado não em noções específicas, articuladas e definidas na sua importância, mas em domínios simbólicos mais vastos e genéricos. O estudo da capacidade diferencial de

agenda dos vários mass media permite articular também qualidades de influência diferentes. (WOLF, Mauro, 2002, p. 65).

A ênfase positiva que os meios de comunicação deram ao acontecimento, é o claro agendamento que quer destacar e valorizar a fala do presidente Michel Temer, que exatamente na mesma época estava na Alemanha junto com o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, para o encontro do G20 - grupo dos 20 países com as maiores economias do mundo, mais a União Europeia. Em entrevista a jornalistas de diferentes veículos, questionado sobre a posição do Brasil no G20, o presidente afirma que não há crise econômica no país “- Você sabe que a crise econômica não existe no Brasil, vocês têm visto os últimos dados”. Um repórter surpreso com o pronunciamento questiona novamente o presidente: - “Não existe crise econômica, presidente?”, e Temer responde: “- Não, pode levantar os dados e você verá que nós estamos crescendo empregos, estamos crescendo indústria, estamos crescendo agronegócio. Lá não existe crise econômica”.

Levando em consideração as palavras do presidente e os dados do IPCA sobre a deflação, a imprensa cria uma ideia de “decolagem” da economia não vista pela população brasileira, manipulando e omitindo o cenário ruim que leva ao acontecimento da deflação, claramente favorecendo o governo com a manipulação da notícia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber os rumos da economia da nação onde se vive é fundamental para o exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia, e sob isto está assentado o dever do jornalista em atender o cidadão em seu direito à informação. Sabendo ainda da forte influência que o comportamento coletivo tem sobre a economia, e da capacidade que os profissionais da comunicação tem de orientar as tendências comportamentais de certos grupos, é essencial a comunicação clara, precisa e simplificada das matérias econômicas sem que haja perda de seu sentido real ou uma descaracterização pela omissão de suas causas. Aliás, a omissão de dados econômicos ou manipulação sobre eles por fins diversos enfraquece sistematicamente a democracia.

A mídia tem um papel importante na propagação da notícia, a mensagem deve ser passada de forma clara e sem ruídos ou omissões, e quando se trata de uma matéria veiculada pelo telejornal de maior audiência do país, que é o objeto de estudo deste

artigo, a reportagem do Jornal Nacional do Grupo Globo omite importantes informações acerca do cenário econômico nacional e ajuda a aprofundar mais outra crise: a crise de confiança na imprensa especializada por boa parte da população.

REFERÊNCIAS

DORNBUSCH, R.; FISCHER, S. **Macroeconomia**. São Paulo: Pearson Makron Books, 1991.

LUQUE, C. A.; VASCONCELLOS, M. A. S. **Considerações sobre o problema da inflação**. In: *Manual de economia*. São Paulo: Saraiva, 1998.

MANKIWI, N. G. **Introdução à Economia**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MISES, L. **As Seis Lições**. 7º ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

SHAPIRO, E. **Análise Macroeconômica**. São Paulo: Atlas, 1976.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editora Presença, 2002.

SHAW, E. *apud* Wolf, 2001, p.144

GROSSI, 1983, 225 *apud* WOLF, 2002, p.63

G1. **Entenda o que é deflação e porque ela pode ser um problema para a economia**. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-o-que-e-deflacao-e-por-que-ela-e-um-problema-para-a-economia.ghtml>> Acesso em: 07/05/2018.

G1 - Jornal Hoje. **52 milhões de brasileiros vivem na pobreza, diz IBGE**. Disponível em:

<<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2017/07/ibge-estima-safra-recorde-de-2403-milhoes-de-toneladas-em-2017.html>> Acesso em 20/05/2018.

G1 – “Crise econômica no Brasil não existe”, diz Temer ao chegar à Alemanha para encontro de cúpula do G20

<<https://g1.globo.com/economia/noticia/crise-economica-no-brasil-nao-existe-diz-temer-antes-do-g20.ghtml>> Acesso em 22/05/18

G1 - Jornal Nacional. **Em Junho, Brasil registra deflação, primeira vez em 11 anos**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/07/em-junho-brasil-registra-deflacao-primeira-em-11-anos.html>> Acesso em: 14/04/2018.

GLOBO. **Memória Globo**. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/formato.htm>> Acesso em: 22/05/2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria/9201-levantamento-sistematico-da-producao-agricola.html?edicao=20757&t=publicacoes>> Acesso em: 22/05/2018.

Rothbard Brasil. **Deflação pode ser uma coisa boa?** Disponível em:

<<http://rothbardbrasil.com/deflacao-pode-ser-uma-coisa-boa/>> Acesso em: 26/04/2018.

UOL. **Desemprego pode recolocar o Brasil no mapa da fome, diz líder do órgão da ONU para alimentação.** Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/11/06/desemprego-pode-recolocar-brasil-no-mapa-da-fome-diz-lider-do-orgao-da-onu-para-alimentacao.htm>> Acesso em: 12/05/2018.